

retratos da casa

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Trabalho Final de Graduação

Melina Akemi Sato Onodera

Orientador Luís Antônio Jorge

2019

Dedico este trabalho à minha família, minha casa.

agradecimentos

Obrigada aos meus amigos por todas as experiências compartilhadas durante estes anos na FAU.

Obrigada a todos aqueles que me auxiliaram de alguma forma durante o processo deste trabalho. Um agradecimento especial à Clara, à Luisa e à Biba, sem as quais eu não teria conseguido ser tão eficiente em meus objetivos com esta pesquisa.

Obrigada aos meus amigos lisboetas, que me proporcionaram um lar quando me encontrei longe de casa.

Obrigada aos meus pais por todo o auxílio e apoio durante estes sete anos de graduação.

Obrigada à Eliana, ao Vicente, ao Júnior e à Sueli, ao Antônio, à Cristina e à Ivone por terem permitido que eu adentrasse o universo de suas intimidades.

Obrigada ao Luís pela orientação deste TFG.

índice

| | |
|---|-----|
| <u>Introdução</u> | 11 |
| <u>Processo</u> | 19 |
| <u>Júnior e Sueli</u> Interlagos | 29 |
| <u>Antônio Grilli</u> Mooca | 47 |
| <u>Cristina Sawaia</u> Santa Cecília | 81 |
| <u>Eliana Costa</u> Santos | 111 |
| <u>Eliana Costa</u> Jardim das Vertentes | 125 |
| <u>Vicente de Souza</u> Bixiga | 157 |
| <u>Ivone Ritschel</u> Jardim da Saúde | 183 |
| <u>Conclusão</u> | 201 |

"(...) the home is not just about physical satisfaction and comfort. It is also about discovery and indulgence, taking the inhabitant into a world within that both protects and prepares him for the world without." (ONG, 2013)

introdução

É possível citarmos as diversas escalas do morar: pode-se habitar em um país, em um estado ou cidade - de maneira a inserir o morador em um contexto cultural e social extremamente amplos -, assim como pode-se habitar em um espaço localizado por um endereço, identificado pelo nome do logradouro e por sua numeração. Dentro deste habitar delimitado pela casa, acredito que ainda existam as formas de habitar limitadas por suas divisões internas, com cômodos cujas funções e dinâmicas alteram a maneira de usufruir de seus espaços.

A partir disto, quero localizar o presente trabalho na escala de um habitar que diz respeito à casa como um limite não apenas físico mas também imaginado. É a casa como uma narrativa marcada pela subjetividade e pela pluralidade de

experiências possíveis dentro desta relação entre o sujeito e o espaço. Esta pesquisa consistiu, assim, em uma investigação do processo de transformação de um lugar limitado fisicamente apenas por paredes frias em um espaço dotado de simbologias afetivas, assim como em uma tentativa de tentar traduzir em palavras o que pode apenas ser vivido.

Durante muito momentos, principalmente após morar um ano fora do Brasil, longe de tudo que me era familiar, refleti sobre o que significa a apropriação que o indivíduo faz deste espaço denominado casa e como ela ocorre. Morar por um ano no exterior proporcionou-me uma experiência de moradia distinta da de São Paulo, porém não menos valiosa. Ao contrário das grandes cidades brasileiras - em que a

paisagem é marcada por edifícios altos e relativamente novos, com espaçosos apartamentos residenciais -, a cidade de Lisboa, onde fiz meu intercâmbio, apresenta um caráter mais antigo, com o gabarito de construções baixo, ruas estreitas e ambientes muitas vezes de difícil insolação. Assim também eram os apartamentos onde morei, cujas plantas mal aproveitadas não prejudicaram minha experiência de morar, permitindo-me afirmar que na cidade portuguesa eu tive a vivência de um lar.

Foi assim que comecei a refletir sobre o que seria responsável pela transformação de um ambiente inicialmente desconhecido para um local de conforto e intimidade. Logo, notei que esse processo foi possível graças a diversos fatores que foram mais relevantes que a própria concepção arquite-

tônica dos espaços: algumas fotos espalhadas na parede, que registravam e recordavam as breves viagens feitas no decorrer de um ano atípico; um chá servido todo fim de tarde, que perfumava o ambiente com o cheiro do gengibre; os móveis de madeira, que remetiam a um apartamento de avó; e até o cheiro do tabaco, apagado no cinzeiro próximo à janela.

Em um outro momento deste ano em intercâmbio, durante o qual dividi o meu quarto com uma colega - que veio a se transformar em uma grande amiga -, nós, buscando justamente tornar aquele novo local um lar, fizemos pequenas transformações no ambiente por meio de objetos, fotos e outros elementos. Durante esse processo, compramos um pequeno

cacto e o colocamos sobre a nossa mesa, chegando até a batizá-lo. Este foi o ápice do nosso processo de conquista daquele espaço que, a partir de então, tornou-se efetivamente nosso.

Esses eventos fizeram-me refletir a respeito da potência que esses pequenos gestos carregam sobre o processo de resignificação de espaços. Assim, somando-se à essa experiência outras conversas que tive com amigos a respeito da construção desse conceito de lar, pude constatar que a transformação de um espaço em um lugar de intimidade pode decorrer de muitos fatores que estão para além do projeto de arquitetura em si. É, portanto, tal reflexão que irá nortear uma investi-

gação em relação a quais são esses elementos que permitem a apropriação de um espaço e como ocorre essa transformação até que se possa chamá-lo de lar.

Como diria o arquiteto Juhani Pallasmaa, “*os problemas arquitetônicos são demasiadamente complexos e existenciais para serem resolvidos de modo inteiramente conceitual e racional*”. É justamente aqui que se encontra o cerne de minhas questões iniciais: a arquitetura abrange aspectos e dimensões simbólicas que ultrapassam a experiência intelectual, uma vez que envolve também o lado sensorial e afetivo do ser humano.

Nas primeiras leituras realizadas para começar a enfrentar tal questão, deparei-me com o texto *Construir, Habitar, Pensar*, no qual Heidegger faz a seguinte pergunta:

“Mas será que as habitações trazem nelas mesmas a garantia de um habitar?”. Esta indagação foi ao encontro de um desejo anterior de abordar questões referentes ao habitar como uma experiência que muitas vezes transcende a arquitetura e o espaço em si. O questionamento de Heidegger serviu como impulso inicial para este trabalho e como ponto de partida para a busca por outras fontes, a partir das quais busco realizar uma reflexão a respeito da casa e de suas diversas dimensões simbólicas, que possibilitam a experiência do lar.

A concepção do presente trabalho é, portanto, resultado de reflexões relativas ao tema, decorrentes de um questionamento inicial do papel da arquitetura na significação dos espaços e do arquiteto em sua concepção, em especial no

espaço do domicílio. Tais reflexões foram realizadas a partir das narrativas de pessoas que compartilharam comigo suas experiências do habitar. A casa envolve hábitos, rituais e intimidades dos quais não nos damos conta e é por isso que faço esta pesquisa, que busca fazer ao leitor um convite à reflexão acerca das suas próprias experiências de morar.

Movida pelo desejo de investigar as diversas esferas do habitar, o passo inicial foi buscar uma bibliografia que abor-
dasse a questão da moradia de maneira metafórica. Foi assim
que me aproximei de autores como Gaston Bachelard, Juhani
Pallasmaa e Georges Perec, os quais expõem a casa e o morar
em toda sua poesia.

processo

Em seguida, considerando o caráter reflexivo deste
trabalho relativo às subjetividades do processo do habitar,
surgiu durante este processo a necessidade de conversar com
pessoas que pudessem dar voz a essas experiências. O passo
seguinte foi, então, buscar compreender narrativas que são
externas a mim e traduzi-las com uma preocupação investiga-

tiva, dando forma a esses depoimentos e percepções da casa. Dada a abrangência de abordagens possíveis, foi necessário realizar um recorte para criar uma aproximação com o assunto.

A premissa inicial fundamentou-se na hipótese de que a relação casa-sujeito poderia distinguir-se a partir da tipologia da habitação, da mesma forma que o tempo de permanência na casa também poderia tornar-se fator determinante nessa relação. Assim, a experiência do lar mostrar-se-ia distinta a partir de noções como a de enraizamento (ou não) ao lugar ou de disposição do espaço (considerando-se as diferenças entre morar em um local maior ou menor), dentre outros fatores.

Foi com esse recorte que cheguei às pessoas a serem entrevistadas, que gentilmente me receberam em suas casas.

Deste modo, este trabalho baseou-se na experiência de seis moradores - que atualmente residem em São Paulo - e suas relações com as respectivas moradas.

Uma das questões que me encontrei determinada a investigar foi sobre como se daria a relação com a morada de um cidadão que, impelido pelas circunstâncias, não consegue estabelecer-se em um único endereço ao longo de sua vida. Por esse motivo, decidi entrevistar Eliana Costa, de quarenta e sete anos e moradora da rua Eugène Carrière, no Jardim das Vertentes. Eliana habitou diversas moradas, iniciando sua trajetória em uma casa em Santos e posteriormente residindo em apartamentos, até chegar à sua atual residência.

Para contrapor-se à história de Eliana, quis trazer o relato de Antônio Grilli, de sessenta e sete anos, morador de um sobrado na rua Madre de Deus, na Mooca. A construção foi realizada pelo avô, imigrante vindo da Itália, de maneira que se denota facilmente que a casa carrega uma história familiar extremamente enraizada no espaço. A mesma relação de apego pode ser evidenciada na narrativa de Ivone Ritschel (de setenta e oito anos e residente na rua Gil Fernandes, no Jardim da Saúde) e de Cristina Sawaia (de cinquenta e nove anos), que reside na Alameda Barros, próxima ao metrô Marechal Deodoro. O interesse na narrativa de Cristina está em

seu relato de resistência às pressões para vender sua casa e a história que esta continha, em virtude do processo de verticalização sofrido pelo bairro.

Pensando também na questão temporal da própria construção, busquei o depoimento de Vicente de Souza, de setenta e cinco anos. Sua moradia foi construída ainda no século vinte, na rua Almirante Marques Leão, no Bixiga e também seu interior envolve diversas camadas temporais trazidas por seus artefatos, os quais são vendidos em feiras de antiguidade.

Por fim, trago também a entrevista com Júnior Galo e sua esposa Sueli Marinho - de quarenta e três e quarenta e um anos respectivamente -, que atualmente residem na rua Silvino de Oliveira Pinto, no Interlagos, e foram responsáveis

pela construção de sua própria casa. Minha curiosidade residia nessa relação com um espaço construído pelos próprios moradores e as dimensões afetivas que esta relação poderia atingir.

Por conseguinte, o objetivo era elaborar um trabalho que conseguisse expor as várias esferas do habitar, assim como as maneiras como a intimidade pode (ou não) ser desenvolvida dentro de um espaço, transpondo reflexões teóricas às experiências empíricas de pessoas que habitam e usufruem de seus domicílios de formas distintas.

Foi também nesta chave que, paralelamente ao texto, foram desenvolvidos desenhos, cuja intenção é atribuir uma dimensão visual às questões aqui enfrentadas. Contudo, mais que fazer apenas um registro dos espaços, quis trazer minha

própria perspectiva das narrativas apresentadas, assim como evidenciar a escala da casa localizada por este trabalho, retratando-as em seus pormenores.

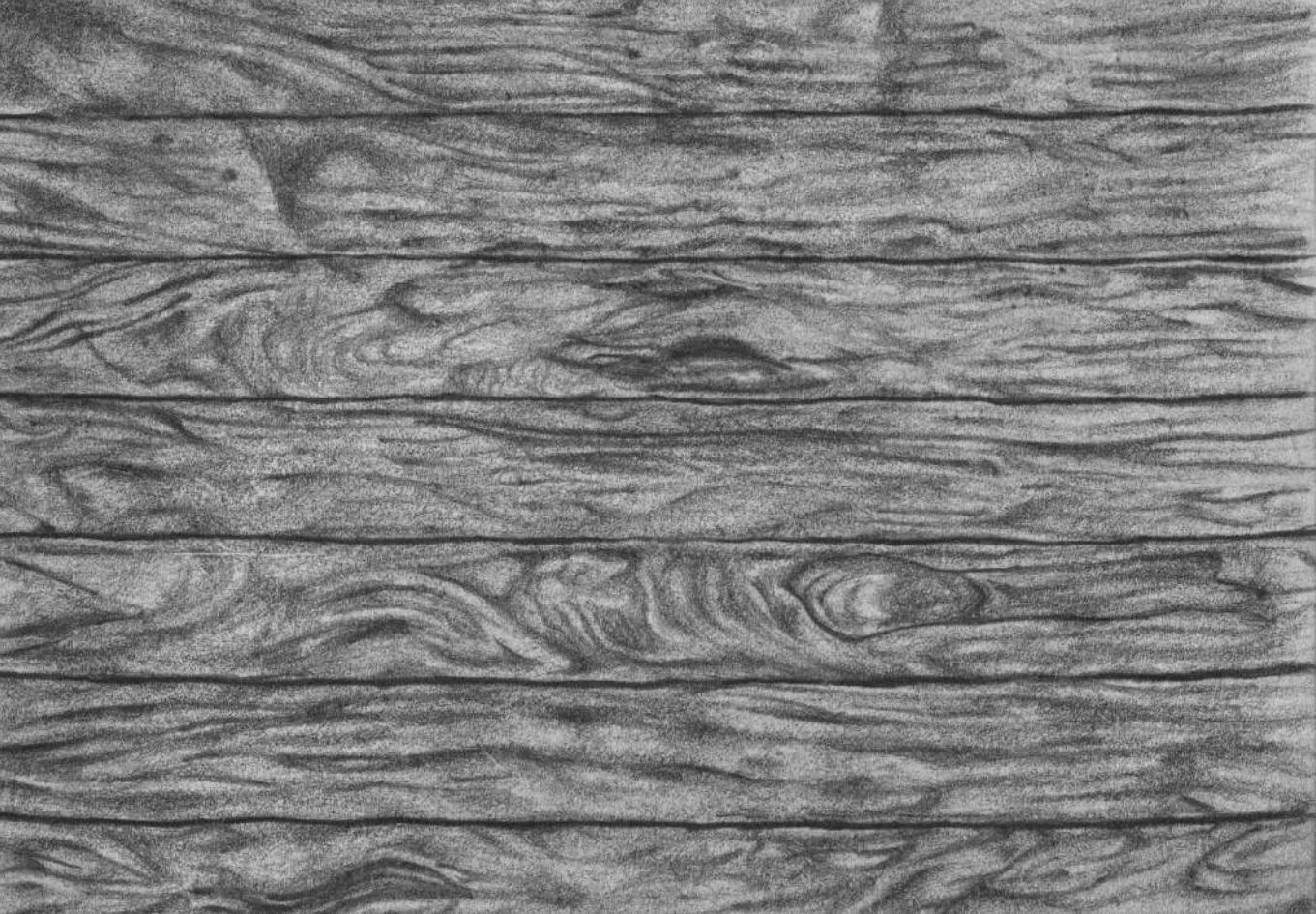
Juntamente ao texto e aos desenhos, foram introduzidos alguns trechos das conversas com os entrevistados. Assim, este caderno é constituído por narrativas paralelas - texto, entrevistas e desenhos -, que se complementam e configuram uma colagem destas narrações da maneira que melhor pudessem expor as reflexões realizadas ao longo da concepção do presente trabalho.

“Através das lembranças de todas as casas em que encontramos abrigo, além de todas as casas em que já desejamos morar, podemos isolar uma essência íntima e concreta que seja uma justificativa para o valor singular que atribuímos a todas as nossas imagens de intimidade protegida? Eis o problema central.” (BACHELARD, 1957)

Júnior e Sueli
Interlagos

“A casa é lugar do autêntico, é o refúgio que protege do exterior, da inclemência do tempo e dos agentes naturais, mas também do mundando e do superficial, dessa exterioridade concebida como nociva (...)” (ÁBALOS, 2003)

A constituição da casa tal como a conhecemos hoje é resultado de um processo civilizatório da humanidade cujo marco inicial foi a passagem ao sedentarismo. A partir desse momento, o homem passa a exercer certo controle sobre a terra e seus recursos, de modo que a natureza deixa de ser um espaço tão hostil. É nesse contexto de *conquista do espaço* que,



segundo o arquiteto e escritor Eduardo Sacriste, surgem as condições para nascimento da figura da casa, lugar “*destinado a proporcionar a seu habitante um ambiente artificialmente seguro e confortável*” (SACRISTE, 1968).

Essa artificialidade de um espaço de conforto e privacidade criado pelo homem é representativa também de uma capacidade humana de transformação e adaptação ao desconforto do ambiente natural. A moradia surge, portanto, como resposta às necessidades de trabalho e descanso do indivíduo.

A entrevista realizada com Júnior e Sueli apresenta este aspecto pragmático da casa, dado como ambiente de conforto e proteção *artificiais*. Tanto Júnior quanto sua esposa Sueli foram instruídos a vida toda a buscar sua casa própria,

Eu acho que as casas - as nossas casas - tem um impacto gigantesco na nossa vida, na nossa memória, nas nossas lembranças, em quem a gente é. Eu acho que a casa é um espaço fundamental de memórias acima de tudo.

(Eliana)

independentemente das condições - por menor que fosse o espaço, o essencial era ter um imóvel próprio. A ideia de posse, portanto, está relacionada à concepção da experiência de moradia do casal.

Sua primeira casa após o matrimônio situava-se em Parelheiros, onde os terrenos não eram vendidos de maneira regularizada. Para conquistar sua primeira propriedade após o matrimônio, o casal vendeu alguns de seus bens, como o carro e a moto. O terreno onde a casa foi efetivamente construída foi obtido em uma troca por outra propriedade que possuíam originalmente. De início, foi construído apenas um pavimento, no nível inferior do terreno. Por estar localizado em um declive, o casal sofria com um problema de infiltração na

O lugar me abraçou por um momento e depois ele me jogou para fora. Acho que a casa joga a gente para fora uma hora; talvez tenha isso.

(Eliana)

construção. Ainda assim, a residência foi erguida aos poucos, conforme surgiam as necessidades: posteriormente os demais pavimentos foram construídos, para que se pudesse atingir a cota de acesso da rua principal. Em determinados momentos, Júnior chegou a auxiliar na mão-de-obra para que sua casa pudesse ser concluída.

Posteriormente, o casal teve a oportunidade de adquirir um terreno em Interlagos, que seria compartilhado com os pais de Sueli - cada um teria sua própria morada dentro do mesmo terreno. A possibilidade de construir uma nova casa coincidiu com o ingresso de Júnior na faculdade de Engenharia Civil, surgindo, assim, uma oportunidade de aprendizado prático. Com exceção da fundação e de alguns serviços que

Se o caminho da vida nos levar para outro endereço, nós vamos sem resistência nenhuma.

(Júnior)

exigiam mão-de-obra especializada, a segunda morada do casal (e de seus dois filhos) foi efetivamente construída por eles aos fins de semana. O processo de construção e finalização da residência progrediu lentamente, de acordo com os recursos financeiros disponíveis. Muitas ideias e desejos tiveram que ser abandonados para priorizar as necessidades mais urgentes. Trata-se, portanto, de uma casa que ainda não é entendida como finalizada por seus moradores, que a consideram em processo de conclusão.

Júnior também expõe que a inexperiência no início do processo de concepção do projeto levou o casal a tomar decisões que refletem uma maneira de pensar distinta da atual. Ou

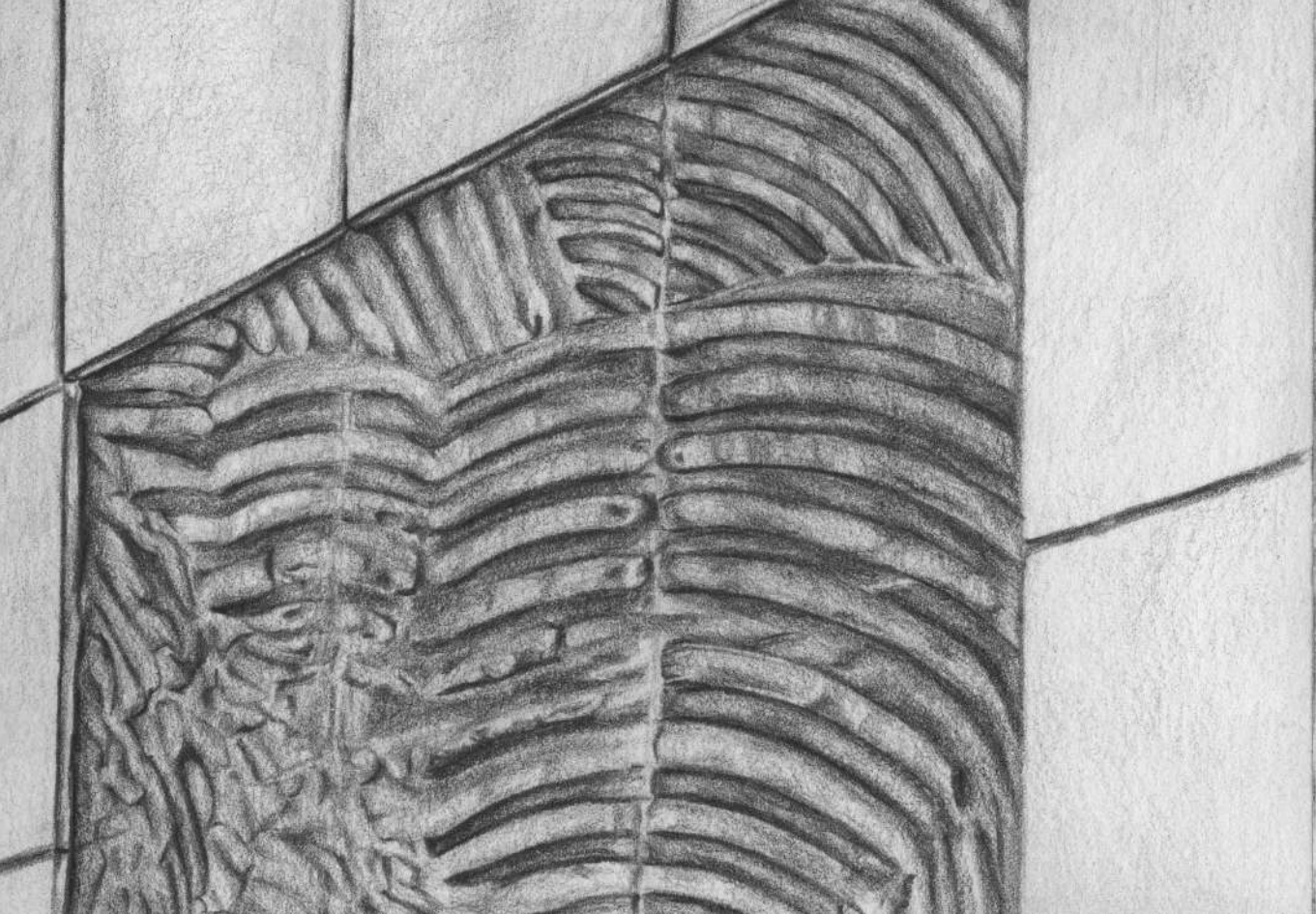
A instrução dos nossos pais era a seguinte: “Você vai crescer, então você tem que ter a sua casa, o seu terreno”. O foco principal era esse e isso não importava onde era.

(Júnior)

seja, se possível, eles fariam pequenas alterações na casa, como a realocação de uma porta posicionada inconvenientemente, ou a remoção de uma janela desnecessária.

Ao buscar a narrativa de Sueli e Júnior, havia uma expectativa de que existisse uma forte relação afetiva entre os moradores e sua habitação, uma vez que esta foi de fato erigida pelo casal. Tratava-se de uma hipótese, portanto, baseada na ideia de apego a um espaço que fisicamente não existiria sem sua intervenção. No entanto, foi curioso constatar que a família não apresenta nenhuma fixação em relação à casa enquanto fruto de seu esforço braçal.

Embora tenha sido idealizada e erguida pelas mãos de seus próprios moradores, a construção não carrega em si



nenhum valor de enraizamento ou de apego mais profundo. A narrativa de lar do casal é pautada nas relações entre os indivíduos, assim como suas dinâmicas, dentro de um espaço que não é protagonista da experiência de moradia. Principalmente para Júnior, a casa é um objetivo que foi alcançado e está sendo usufruído em sua conquista. Logo, se os acontecimentos da vida exigissem uma mudança para outros endereços, a família não hesitaria em fazê-lo.

Não obstante, pode-se denotar na narrativa do casal que a ação de habitar é inerente ao ser humano, que encontra na casa a garantia da manutenção de sua privacidade. Como afirma Sacriste, a casa representa a defesa da propriedade

Meu pai toda a vida lutou e aprendeu a fazer as coisas. E a gente veio nesse ritmo: crescendo e ajudando ele a construir.

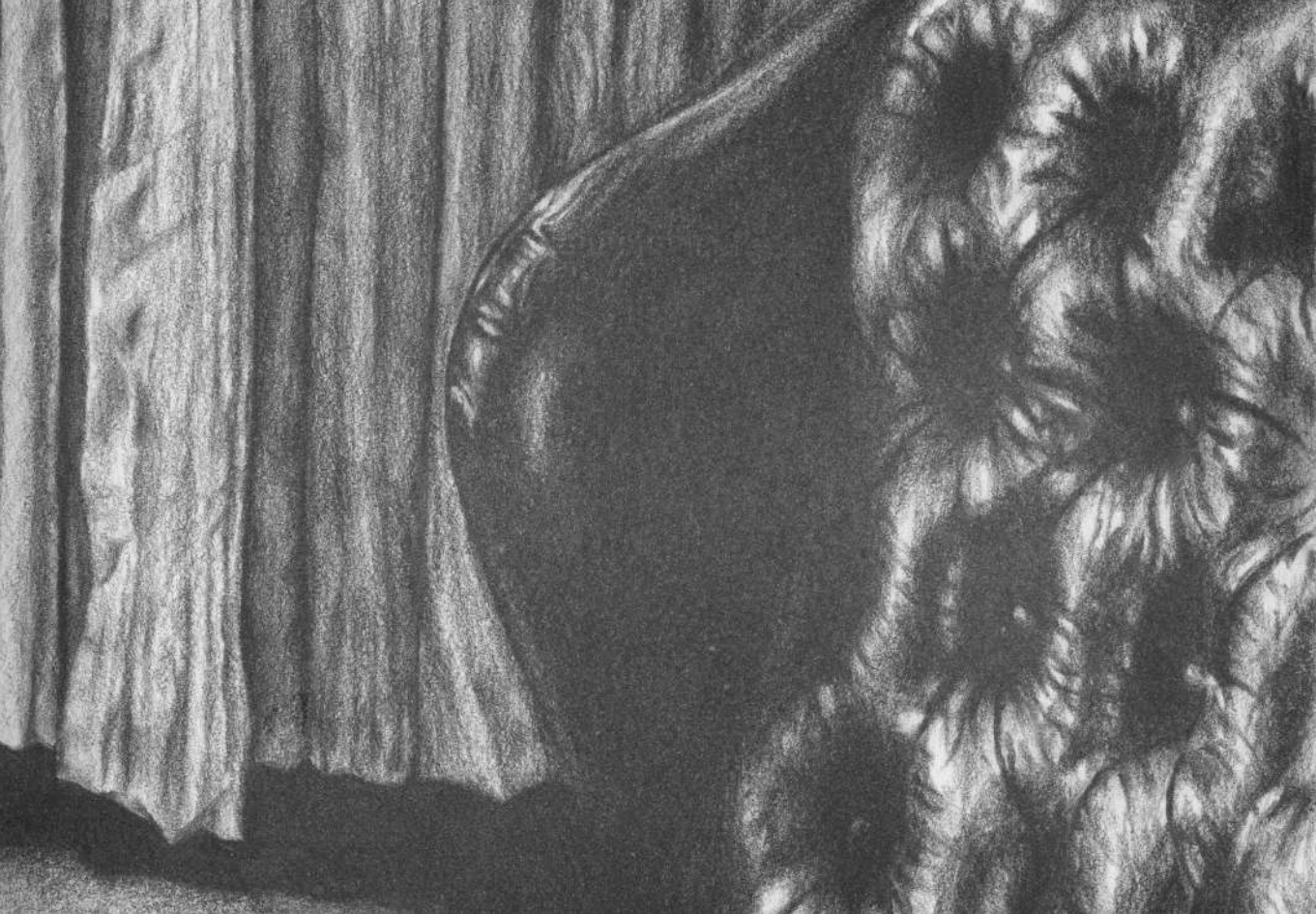
(Júnior)

privada em uma sociedade marcada por tensões e agressividade e é justamente esse valor de proteção que está também presente na narrativa de Júnior e Sueli.

Antônio Grilli
Mooca

*“Todo ser humano necessita de um canto,
não no sentido que os patrioteiros dão a essa
palavra, nem tampouco no que lhe atribui
a Religião, ao conferir-lhe a ideia de algum
lugar no Além, mas um canto suscetível de
unir solo, trabalho, amigos, repouso e ambiente
espiritual num todo natural, bem organizado,
num cosmo próprio (...).”*

(CANETTI, 1982)



Antônio inicia sua narrativa em mil oitocentos e oitenta e nove, ano em que seu avô chegou ao Porto de Santos, após deixar seu país de origem, a Itália. Uma vez que possuía parentes no Brasil, Andrea Barricelli - como era chamado seu avô - decidiu estabelecer-se no país, mudando-se para São Paulo e adquirindo uma propriedade na Mooca, onde construiu sua família. Visando deixar uma herança a seus filhos, Andrea construiu três sobrados em seu terreno - cada uma de suas três filhas, dentre elas a mãe de Antônio, herdaria uma construção.

Inicialmente Antônio morou na casa vizinha à visitada, pois a construção onde atualmente reside pertencia à sua tia. Posteriormente ele mudou-se com sua família para sua atual moradia, que ainda preserva a maior parte de seus elementos

Acho que é bom você ficar um tempo na mesma casa, porque é com o tempo que você vai se acostumando com o lugar. Acho que a casa entra em você. E precisa de um tempo de maturação.

(Eliana)

originais, tais como a escada feita de peroba, as janelas e portas também de madeira, a clarabóia acima das escadas e a própria conformação dos ambientes. O mobiliário também carrega a memória da casa, como ocorre com a cristaleira de mármore Travertino, confeccionada na antiga Escola Paulista de Artes e constituída por quatro peças desmontáveis. Apesar do interesse de terceiros em comprar o móvel, cuja idade aproximada é de oitenta anos, a intenção é que ele, assim como o sobrado, seja deixado de herança para Natália - filha única de Antônio.

A casa possui uma temporalidade evidenciada tanto por sua materialidade quanto por elementos como os retratos da família desenhados pelo pai de Antônio (que era artista), responsável também pela confecção dos roupeiros dos quartos.

É bom ser acolhido pela casa: é minha cama, é o cheiro. (...) Eu me sinto muito bem aqui, mesmo estando sozinho. A casa é muito aconchegante, ela é carinhosa comigo.

(Antônio)

Ou seja, a casa apresenta as marcas das gerações que nela residiram anteriormente, assim como as próprias marcas de Antônio, que também passa pelo processo de pessoalização do espaço, embora este já se apresente como um ambiente familiar. Isto é evidente em suas coleções que, apesar de afirmar tratarem-se de “bobagens”, constituem uma forma de recolher e guardar suas próprias memórias. Assim, cada objeto de suas coleções de copos de cerveja, de medalhas de corrida e de canecas (dentre outras), guarda consigo uma história sua.

Em seu relato, a residência está inserida também no contexto do bairro da Mooca, fator de extrema relevância em sua experiência. Como requer o estereótipo do italiano morador da Mooca, Antônio apega-se às tradições de seus

*A casa abarca uma história familiar, de coisas que vão passando de geração para geração. Então a casa
você vê que está no centro da coisa aqui.*

(Cristina)

rituais cotidianos, frequentando os estabelecimentos do bairro - como a padaria, o estádio de futebol, a rotisserie - que se configuram como templos de seus ritos.

Além de ser cenário de toda a biografia da família Barricelli no Brasil, estabelecida há oitenta anos no país, a habitação abriga ainda a memória de reuniões e celebrações tanto familiares quanto de amigos. O morador descreve como ocorriam os eventos de Natal, momento em que a decoração natalina invadia a casa, para que a família reunida pudesse receber o Papai Noel. Também seus amigos usufruíam do conforto da casa, que configurava uma sede para o clube dos meninos durante sua infância, assim como local de reuniões

Mês que vem eu faço setenta e oito anos e são setenta e três que eu estou morando nesta casa. Minha ideia é ficar aqui até o fim.

(Ivone)

para degustar vinhos, posteriormente. Trata-se, assim, de um espaço muito celebrado por ter sido - e ainda ser - um local de encontro e acolhimento.

O valor de acolhimento da casa também decorre da sensação de conforto promovida por ela, de maneira que a experiência atinge outros aspectos sensoriais - sobre isso, o morador afirma sentir-se acolhido também pelo cheiro de sua morada. Como escreve Pallasmaa: *“Um cheiro específico nos faz reentrar de modo inconsciente um espaço totalmente esquecido pela memória da retina; as narinas despertam uma imagem esquecida e somos convidados a sonhar acordados. O som faz os olhos se lembrarem.”* (PALLASMAA, 2011).



Os cheiros, assim como os sons, são estímulos que evocam lembranças e transportam o sujeito a lugares que a visão já não consegue reconstituir. O olfato é essencial na experiência de morar, pois “*cada moradia tem seu cheiro individual de lar*” (PALLASMAA, 2011). Deste modo, muitas vezes, esses espaços da memória são evocados por outros sentidos que não são visuais.

A visão é o primeiro sentido de que se tem consciência quando o tema é percepção do espaço. Entretanto, é essencial reiterar a relevância dos demais sentidos na apreensão de outros elementos constitutivos de uma casa que não se limitam ao visual, uma vez que o ser humano é constantemente bombardeado por estímulos olfativos, sonoros e táteis.

Eu tenho uma relação forte com a casa como um todo. Ela está no meu coração.

(Cristina)

De acordo com Pallasmaa, o tato é o sentido fundamental do ser humano, responsável por mediar o contato com o mundo e, conseqüentemente, com a casa. A constante interação com o ambiente gera impressões que são fixadas pela memória, muitas vezes por meio da percepção tátil. O tato poderia ser, então, definido como parte de um subconsciente da visão, permitindo uma interação com a qualidade sensual dos objetos e do espaço, a partir da qual se reage com prazer ou desprazer, com convite ou rejeição. O arquiteto e escritor afirma que todos os demais sentidos são desenvolvimentos da função tátil e tornam possíveis as percepções espaciais pelo indivíduo e a experiência de viver um lar.

Quando alguém está fazendo almoço, eu estou na sala e aquele cheirinho gostoso de comida lembra a comida da minha mãe, ou a minha mesmo - porque eu cozinhava muito para o Rudi. Eu sempre gostei de cozinhar e de fazer bolo. Então eu acho gostoso o cheiro da minha casa.

(Ivone)

A audição também possui um papel relevante na constituição da memória, uma vez que o espaço pode ser percebido por seus sons e ruídos, que são consequências de ações que se passam na intimidade da morada. No imaginário de cada espaço da casa existe um somido característico que o define e que traz uma noção de conforto distinta. Ademais, os sons possuem um poder de estimular a imaginação, que revisita e recria imagens do passado guiada pelos ruídos. A casa é um lugar de proteção contra sons hostis, ao mesmo tempo em que se preenche de barulhos que acalentam. São esses ruídos que impregnam na memória individual e que podem ser resgatados por algum estímulo em experiências posteriores.

Eu tenho uma identidade com este espaço, por tudo que já se passou aqui, pelas as pessoas que também passaram por aqui e pelo fato de que foi meu avô quem construiu. Aqui tem um clima e um astral muito legais.

(Antônio)

A própria imagem da casa é resultado também da imaginação, decorrente de uma sensibilização individual do espaço - sensibilização neste caso referente aos sentidos humanos. A partir do momento em que o sujeito se apropria da casa e a reconhece como espaço de abrigo e de intimidade, a dimensão física da residência é superada e seus limites passam a ser imaginados.

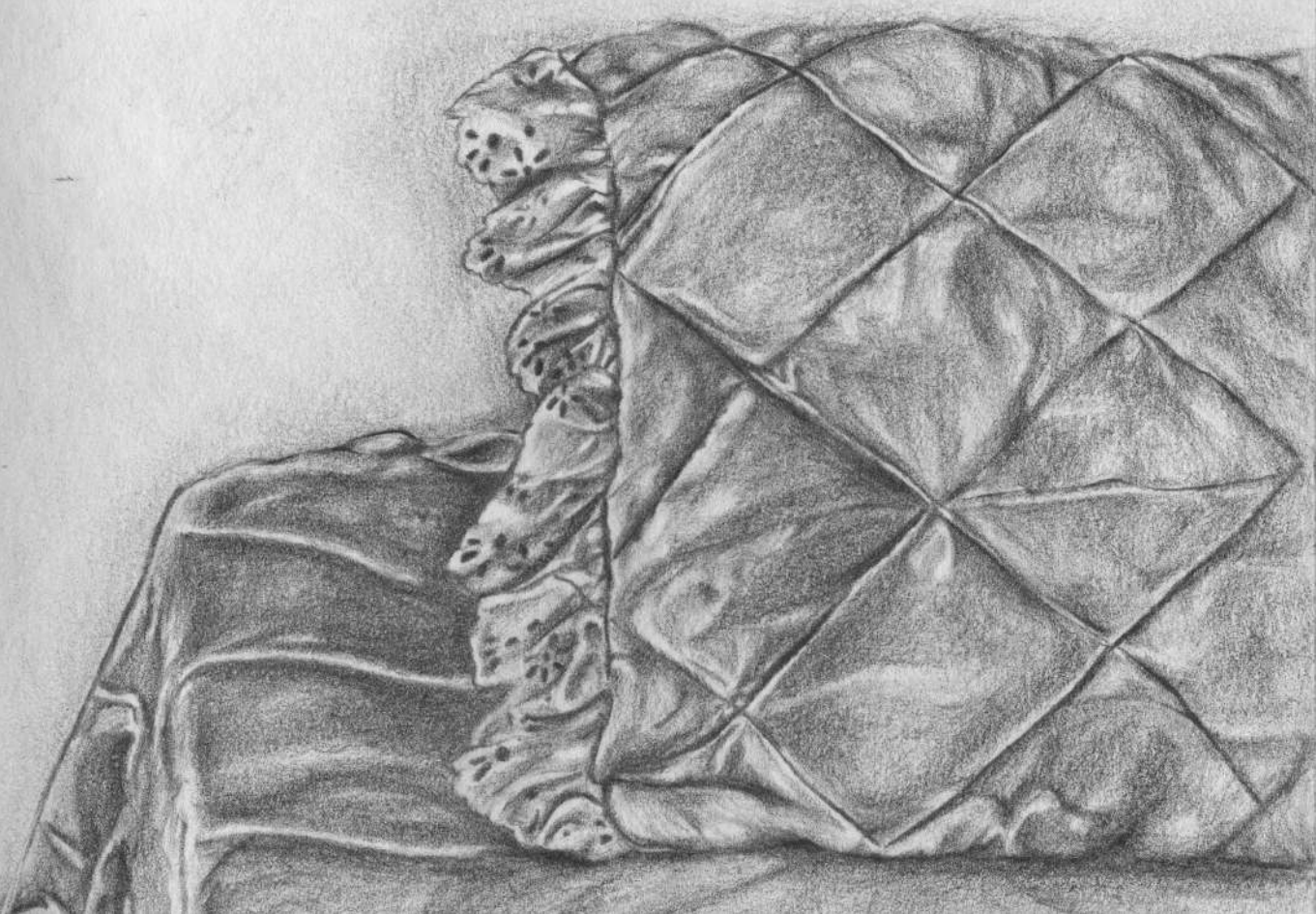
O retorno ao lar faz parte igualmente do valor de amparo, reiterando a casa como um lugar que aguarda seu habitante para acolhê-lo. Dentre os elementos que acolhem o morador, Antônio menciona, além dos cheiros, sua cama, objeto constitutivo do lar que pode ser associado à simbologia da moradia e ao seu valor de conforto. Ela é, como afirma

E eu tentei cuidar, mas a casa está muito velha. Tudo está se deteriorando porque não tem mais aquela conservação que o Rudi fazia.

(Ivone)

Pallasmaa, como um *microclima* dentro da casa, conformando um local de proteção dentro de outro ambiente de abrigo. A cama é, portanto, o local máximo da intimidade, o refúgio último na busca por proteção. Talvez seja por esse motivo que em seus momentos mais emotivos os indivíduos permanecem em suas camas, isolando-se em seu canto e no seu refúgio da intimidade. Como afirma Perek, não é possível dormir em outra cama que não a própria (PEREC, 1999).

O leito também é um convite à fantasia, onde mergulha-se nas aventuras da imaginação e viaja-se aos mais longínquos lugares do mundo, seja através dos sonhos, seja pelo



devaneio. Neste pequeno e limitado espaço, a mente é capaz de divagar por imagens e espaços da memória que não se encontram disponíveis normalmente.

A literatura também cumpre seu papel de estimular a imaginação durante os momentos de tranquilidade sobre a cama - e se o medo se faz presente nestes momentos, há sempre uma coberta à disposição para proteger e manter o viajante em segurança. Este pequeno gesto de cobrir-se pode ser interpretado como uma retomada da sensação de segurança inicial, com a redução do contato com o meio externo. Embora a casa seja inicialmente o local de resguardo por excelência, no auge da atividade de uma fértil imaginação, os espaços adquirem proporções enormes e o habitante torna-se nova-

É o descanso do guerreiro, é o seu encontro. É onde você tem o domínio de tudo e onde ninguém te domina.

(Júnior)

mente vulnerável aos perigos do mundo. É neste momento que a cama assume o seu papel de abrigo, ressaltando seu caráter protetor e íntimo.

Apesar de dispor de outra residência na cidade de São Carlos, onde mora sua esposa, o espaço de acolhimento e intimidade de Antônio é sua casa natal. Ainda que sua segunda morada contenha ambientes mais espaçosos e uma quantidade maior de cômodos, o apego de Antônio à casa moquense impede-o de deixá-la por qualquer razão: sua intenção é permanecer neste espaço até o dia de seu falecimento.

A partir da narrativa de Antônio, é possível contemplar uma intenção de enraizamento ao espaço. Sobre esse enraizamento, em sua obra *A Poética do Espaço*, o filósofo Gaston

E essa paineira da entrada - a árvore gigante - já era grande quando eu era criança. É uma árvore que deve ter entre setenta e oitenta anos.

(Cristina)

Bachelard escreve: “É preciso dizer então como habitamos nosso espaço vital de acordo com as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia-a-dia, num ‘canto do mundo’. (...) Pois a casa é nosso canto do mundo.” (BACHELARD, 1957)

Dentre os espaços presentes na habitação, deve-se dar especial atenção aos cantos: o ato de encolher-se no canto da casa constitui parte essencial da experiência intensa de habitar. A essa imagem, Juhani Pallasmaa associa o útero materno, pois permanecer encolhido em um canto consiste na reconstrução de uma experiência infantil. A proximidade com as paredes cria a sensação de imobilidade e reclusão, valores essenciais à imagem do canto. Ao afirmar que o “*canto é a casa do ser*”, Bachelard evidencia a ideia de refúgio trazida por

Então é isso: eu saio daqui só na alça de um caixão para ir para o cemitério Quarta Parada, que é onde a família tem acampamento.

(Antônio)

esse ambiente imaginariamente limitado, capaz de abrigar e proteger o corpo. Pois no canto, *“as sombras são paredes, um móvel é uma barreira, uma tapeçaria é um teto (...)”*

A casa, portanto, apresenta-se como um local que abriga um potencial de formação de um vínculo com o lugar, criando uma noção de enraizamento a um espaço, tão cara ao ser humano. Isso porque a morada torna-se lugar de retorno: é a sensação de deixar um espaço com a certeza de que se irá regressar. Logo, a analogia da casa como um espaço de raízes torna-se pertinente a essa tentativa de associar a moradia a um espaço de estabilidade e segurança, relação evidente na iden-

Antes de vir para cá, eu comentava com ele “Será que eu não poderia tirar a minha casinha de lá e colocar aqui?”. Porque a gente acaba tendo essa afinidade com a casa.

(Sueli)

tificação de Antônio com sua casa. Essa identificação é consequência da convivência com este espaço que já abrigou tantas pessoas e, conseqüentemente, tantas histórias.

Cristina Sawaia
Santa Cecilia

“Con su intimidad, su discreción, la casa le permite a cada uno ser lo que por falta de carácter o respeto a las convenciones no es fuera de ella.”

(SACRISTE, 1968)

O lar é um lugar onde o indivíduo pode expressar-se livremente. Eduardo Sacriste realiza uma comparação da habitação com a vestimenta: esta tem como finalidade abrigar o corpo, protegendo-o do exterior, enquanto a casa abriga as relações familiares. Ambas, portanto, possuem um mesmo fim: a comodidade e o conforto. Adentrar a morada implica a



possibilidade de um despir-se tanto físico quanto metafórico: é possível despir-se das roupas, permanecendo-se nu, assim como é possível despir-se das amarras sociais e de qualquer código de conduta imposto ao comportamento público.

O ato de morar envolve, assim, relações físicas e psicológicas entre a casa e seu habitante, a partir das quais este organiza seu universo, desenvolve sua personalidade e sua relação com o mundo exterior ao seu eu: trata-se de uma expressão da própria identidade individual. Morar significa, assim, criar uma personalidade da casa com o sujeito, cujo modo de vida influencia em sua configuração. Dentro desta relação entre casa e sujeito, este é capaz de criar sua própria noção

É o seu espaço, é o seu porto-seguro. (...)Na hora que você abre o portão e entra dentro de casa, é aquela sensação de proteção que você tem.

(Sueli)

de domesticidade. É nesta chave que se encontra a história de Cristina, cujo valor de intimidade decorre de sua relação com a casa e os elementos que a constituem.

A residência onde atualmente mora, junto com seu marido e seus três filhos, foi adquirida por seus pais quando ela possuía apenas um ano de idade. As peculiaridades da casa iniciam-se imediatamente ao chegar no endereço: o portão abre-se para um grande corredor que conduz o visitante ao miolo da quadra. A surpresa é enorme ao se deparar com um reduzido número de casas envoltas por altos edifícios, que se erguem desdenhosos da presença das construções vizinhas.

O terreno, que era originalmente ocupado apenas por habitações unifamiliares, assistiu à verticalização da região ao

Nós fizemos algumas poucas reformas e estamos até hoje aqui. Esta casa existe há oitenta anos. Não mudei nada da estrutura da casa - a casa é original - e tem toda essa história que me motiva. Eu me sinto muito bem aqui.

(Antônio)

longo dos anos. Cristina e seus pais foram testemunhas deste processo - um dos motivos pelos quais optaram por deixar a casa quando Cristina completou quatorze anos: a construção de um prédio na propriedade imediatamente ao lado gerou o temor de abolição da privacidade da família, valor essencial à casa.

A residência permaneceu alugada durante um período, durante o qual Cristina e seu marido residiram em um apartamento, até decidirem retornar à casa. Essa decisão foi consequência de um desejo do casal de ter filhos, que coincidiu com a saída do inquilino. O retorno veio acompanhado de uma reforma, decorrente de uma vontade de modernizar a construção: a estrutura da casa, assim como determinados elementos, foram mantidos (como as janelas de pinho de

Na casa você não se sente confinada.

(Cristina)

riga); as alterações consistiram na construção de mais janelas, para aumentar a entrada de luz, a derrubada de paredes, para conectar os espaços e, posteriormente, a adição de um segundo andar, pois a casa térrea não dispunha de espaço suficiente para abrigar os três filhos do casal.

Durante o *boom* imobiliário gerado pelo Plano Diretor, Cristina foi constantemente assediada por construtoras que desejavam verticalizar o local, uma vez que se tratava de uma região valorizada pela proximidade com o metrô. Assim, encontrou-se diante de um dilema: por um lado, vender a casa significaria abrir mão de toda a memória guardada pela morada; por outro, não vendê-la poderia tornar-se um empecilho no futuro pela dificuldade que encontrariam em repassar

Foi uma época gostosa que eu passei aqui na minha infância e depois quando eu casei. Eu criei meus filhos aqui e meus netos ficaram juntos aqui até hoje.

(Ivone)

o imóvel. As circunstâncias, entretanto, levaram os empreendedores a desistir da compra, de modo que a casa de Cristina ainda permanece como símbolo de resistência às pressões do mercado imobiliário.

A narrativa da casa de Cristina é pautada pela presença de um extenso quintal, onde o olhar é imediatamente captado pela presença de uma enorme paineira, cuja idade aproxima-se dos oitenta anos. A área externa é essencial à experiência da moradia, devido a uma identificação de Cristina com a natureza, que se manifesta na manutenção do jardim. A área externa da residência também está relacionada à sensação de intimidade e acolhimento por ela proporcionada. A possibilidade de permanecer dentro ou fora da casa é essencial à



moradora, a quem a experiência de habitar em um apartamento não oferecia as mesmas possibilidades. O fato de a habitação permanecer ilhada em meio à presença dos edifícios isola-a do som das vias próximas, criando um oásis dentro do caótico ambiente urbano de São Paulo. Por esse motivo, o quintal tornou-se também um espaço de reunião da família e de recepção às visitas.

Sua relação com a casa contrasta com sua experiência em um apartamento, pois a primeira envolve uma circulação por todo o espaço, que demanda uma atenção e um cuidado maiores - pela necessidade de manutenção do jardim e do telhado, pela grama que deve ser constantemente cortada, ou pelas janelas que devem ser fechadas ao se deixar a residência.

Eu já percorri mais e acho que foi uma experiência riquíssima: eu vejo como uma experiência cheia de sentimentos.

(Eliana)

Nesta interação do sujeito com a habitação, as janelas desempenham um papel essencial dentro da simbologia da casa, pois “*ver janela ou ver através da janela são alternativas que se colocam tanto ao observador interno ao edifício, quanto ao externo (...)*” (JORGE, 1993).

A privacidade dentro dos ambientes é mantida pela janela, ao mesmo tempo em que se garantem a iluminação e a ventilação, fatos que reforçam o potencial de transformação dos vãos rasgados nas paredes. Também fazem parte da janela as cortinas, que controlam o nível de privacidade desejado: uma cortina totalmente aberta deixa um interior totalmente vulnerável aos olhos do mundo externo, enquanto a cortina fechada protege o espaço de uma invasão da privacidade.

A casa te requer mais nesse sentido. Você tem que ter um cuidado maior, porque você tem o dentro e tem o fora.

(Cristina)

De acordo com Luís Antônio Jorge, a janela reforça o caráter único da porta, já que esta constitui-se como ponto único de transposição entre o interior e o exterior; a janela, por sua vez, pode multiplicar-se ao longo de uma fachada, realizando contato entre dentro e fora em diversos momentos.

As janelas atuam como mediadoras entre privado e público, convidando o observador a olhá-la através de sua materialidade e permitindo-lhe estar em contato com o mundo exterior, ainda que permaneça no interior. O ato de olhar para fora através da janela reforça a sensação de segurança de se estar dentro, uma vez que ela permite observar sem ser observado. O olhar para fora por meio da janela é ter a certeza de se estar dentro.

*Ele gostava muito de trabalhar: ele pintava, consertava o telhado e fazia o encanamento e a eletricidade
- tudo o que tinha de quebrado era ele quem consertava. (...) E nós fomos conservando a casa assim.*

(Ivone)

A janela pode envolver duas ações distintas, cada qual com uma intenção também distinta. Sob a perspectiva de um observador interno, olhar para a janela pode configurar uma contemplação de seus elementos constitutivos, de sua materialidade e de seus detalhes - a janela é, portanto, a finalidade da ação. O olhar através da janela, por sua vez, pressupõe um desejo de transpor toda a sua materialidade e alcançar o que está para além dela, de maneira que o sujeito se coloca em contato com o exterior. A janela torna-se, assim, um instrumento para se atingir um objetivo, que no caso, é a contemplação do mundo externo.

A mediação entre interior e exterior feita pela janela não ocorre de forma passiva, pois ela delimita uma paisagem,

Esta casa foi feita pelo meu avô, Andrea Barricelli, pai da minha mãe. Ele foi um imigrante italiano que veio em mil oitocentos e oitenta e nove (um pouco antes da proclamação da República) para o Brasil.

(Antônio)

conduzindo o olhar para o objeto a ser observado. A janela é como uma pintura viva, em constante transformação, e com uma dinâmica única. Mais que apenas uma fonte de luz, o ver através dela ressignifica a relação entre o dentro e o fora. A janela também evidencia o domínio do ser humano sobre o ambiente: é possível controlar o local por onde a luz adentrará, assim como a paisagem que será emoldurada pelo batente.

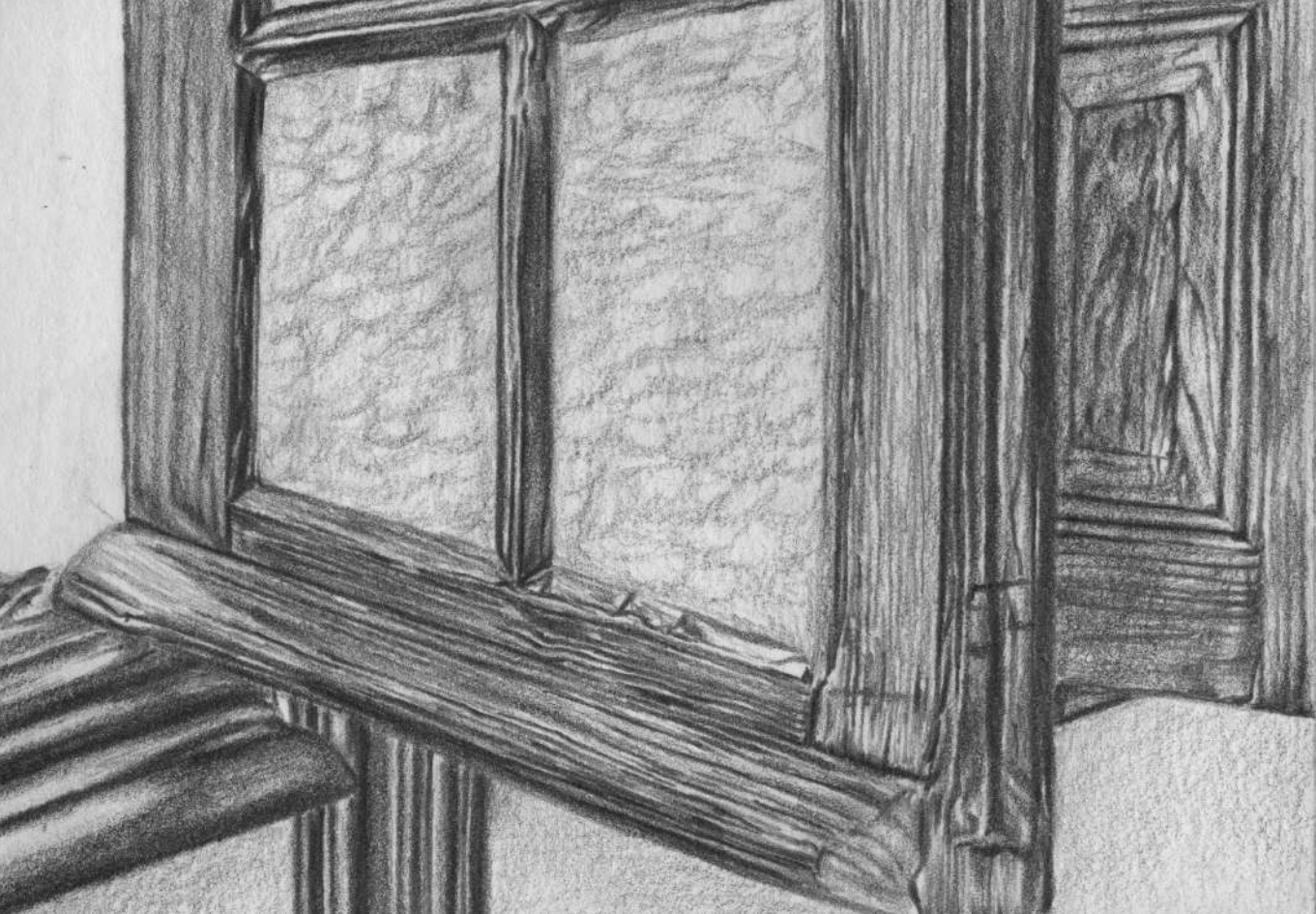
Embora seja um elemento cuja característica essencial é a bidimensionalidade, a janela carrega em si símbolos associados à tridimensionalidade. Sobre isso, Luís Antônio Jorge escreve: *“Mas o seu conhecimento ainda não dá conta das implicações da janela para linguagem, as quais passam por uma questão ainda mais fundamental: a ambiguidade de sua natureza sígnica,*

O quintal da minha casa foi toda minha infância.

(Eliana)

isto é, o fato da janela ser um elemento predominantemente bidimensional (um recorte no plano da parede), mas que possui o poder de aprisionar imagens, porções de espaço, de associar-se à tridimensionalidade (...)" (JORGE, 1993).

Das perspectivas oferecidas pela janela, ressalta-se também seu viés temporal, pois além de fornecer uma localização espacial e uma conexão com o externo, é possível estar ciente do período do dia, através da luz que a transpassa. Logo, pode-se afirmar que a janela envolve tanto uma dimensão visual - pois vê-se a janela e vê-se através da janela - quanto uma dimensão temporal - uma vez que se torna possível ter uma noção de tempo transcorrido -, além de uma dimensão espacial - pois localiza o sujeito tanto dentro quanto fora do



ambiente da casa, assim como localiza a habitação no contexto externo a esta. É essa relação entre o interior e o exterior que fundamenta a narrativa de Cristina.

A presença da madeira na casa também é elemento determinante na noção de conforto e intimidade que o espaço transmite. Por ter herdado, além da casa, muitos objetos e mobílias, a moradora apega-se à memória desses elementos e busca equilibrá-los com a presença de artigos mais modernos, criando uma composição do novo com o velho.

Sua casa carrega consigo, portanto, uma intenção de preservar uma história familiar, cuja herança é visível nos próprios objetos presentes na residência. Eles também contri-

Essa Lua-de-Mel nós temos desde o ano em que eu casei, em mil novecentos e sessenta e um. (...) Essa é a maior lembrança que eu tenho do meu casamento.

(Ivone)

buem para a manutenção de uma atmosfera de intimidade, reforçada pelo fato de a construção configurar um grande refúgio da cidade de São Paulo.

Eliana Costa
Santos

“A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa (...)”

(BACHELARD, 1957)

As sensações são resultados de estímulos, podendo ser boas, ruins ou indiferentes, dependendo de uma série de fatores, como a natureza do estímulo, o estado interior do sujeito, assim como suas experiências passadas. Assim, a junção de tais fatores determinará a reação a estes estímulos, que pode ser de prazer ou desprazer. No cenário em que o indivíduo encontra-se constantemente sujeito a estímulos externos, a casa pode ser definida como um espaço cujos estímulos geram sensações de prazer e conforto (que podem ser um cheiro, uma

Ele quem cuidava das plantas, do quintal, do jardim da frente, do jardim do fundo - ele cuidava de tudo.

(Ivone)

vista de algum objeto, um som, etc), além de configurar um local de proteção a estímulos que causam o desprazer (como a sensação de frio extremo).

Em relação a esse caráter protetor da casa, de acordo com Bachelard, os valores atribuídos ao lar são resultantes de uma capacidade da morada de abrigar os devaneios, essenciais ao ser humano como atividade de autovalorização e auto-conhecimento. A casa representa o lugar ideal para que essa atividade possa ser exercida, por se tratar de um ambiente idealmente protegido e desprovido de qualquer ameaça à intimidade.

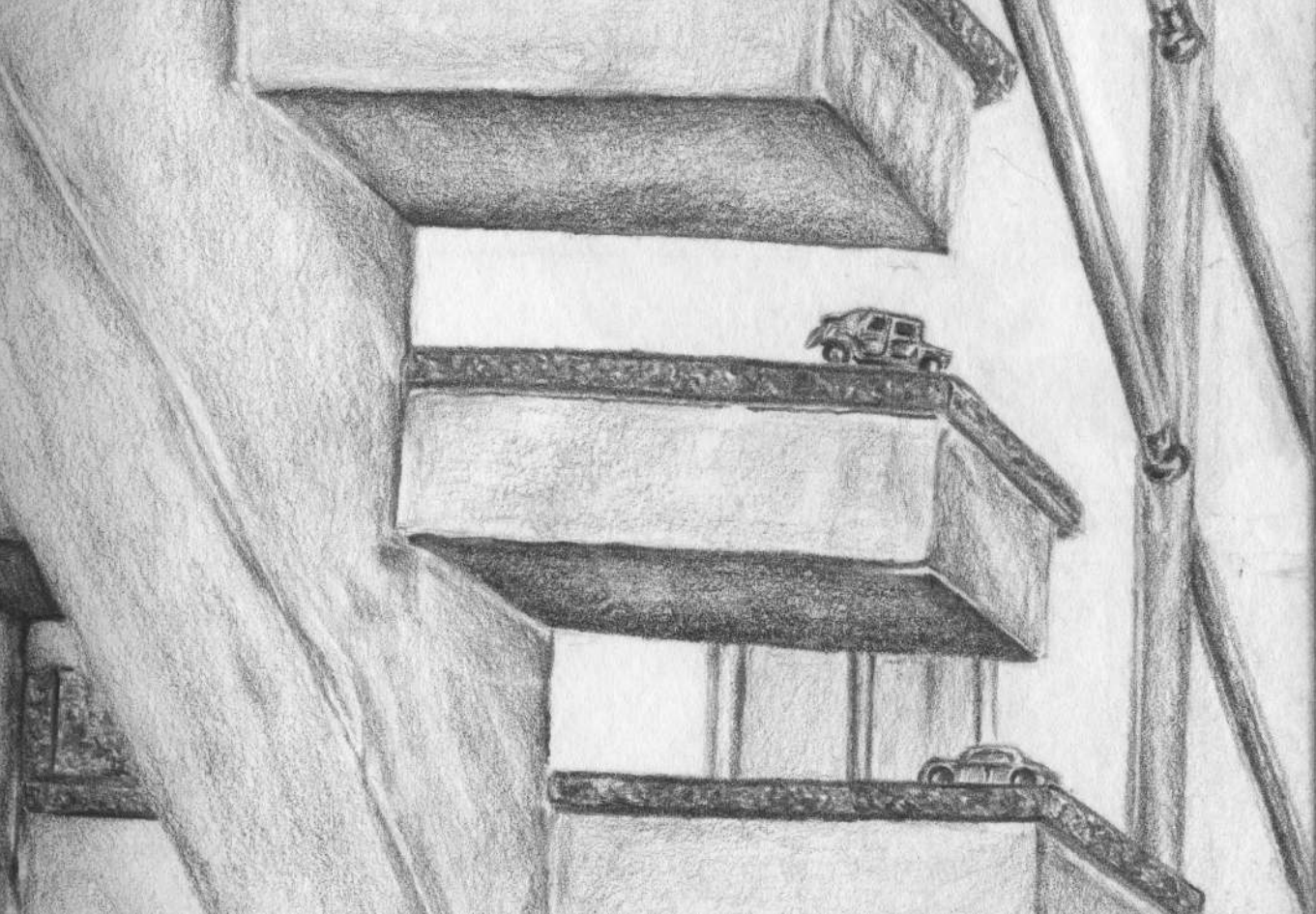
A casa possui também um sentido histórico, uma vez que pode evocar um bem-estar de lugares passados, que retornam na forma de sonhos e lembranças através do

Aqui é o lugar que a gente chega e realmente fala “eu estou voltando para casa”. Sabe essa sensação de chegar em casa?

(Eliana)

exercício do devaneio - e a recordação de antigas moradas é capaz de suscitar novamente a sensação de conforto. Logo, a moradia é resultado de uma experiência que deriva tanto das lembranças de um momento já transcorrido quanto da vivência sensorial do presente. Ou seja, a maneira de habitar é resultado também de experiências anteriores cujos reflexos são observados no momento atual. Trata-se, portanto, de uma atividade que envolve tanto o passado quanto o presente.

O lar é o universo primeiro do ser humano: é nele que ele irá se reconhecer como ser social e assim desenvolver sua relação com o mundo, além de construir sua individualidade. É nesse espaço que a criança encontra seu primeiro abrigo e local de proteção: daí decorre a importância da casa natal - casa



primordial do indivíduo -, responsável pela forma como o indivíduo habita e por seus hábitos. As moradias posteriores, desta forma, configuram-se como reproduções da maneira de habitar a casa natal.

Essa dimensão mística da casa de infância está presente na narrativa de Eliana, nascida em Santos, onde foi criada em uma casa com um quintal, espaço que abrigou as brincadeiras infantis e as reuniões de família. O afeto ao lugar é reconhecido na nostalgia de seu discurso ao lembrá-lo, tornando-se quase possível revisitar este espaço através da imaginação, guiada por suas palavras. Uma vez que se encontrava morando na Inglaterra quando foi vendida, Eliana lamenta não ter tido a oportunidade de se despedir de sua moradia original, que

Morar em casa é uma satisfação no quesito que você não limita as pessoas que você quer receber, porque há espaço.

(Júnior)

permanece presente em seus sonhos e devaneios, nos quais revisita a casa e adentra cada um de seus cômodos. Trata-se de uma atitude extremamente bachelardiana, uma vez que o filósofo afirma que é através dos sonhos que *“as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos”* (BACHELARD, 1957).

O lar não é vivido de maneira exclusivamente física, pois também o é pela imaginação. Isso porque se trata de um espaço de dimensões afetivas, cujos valores simbólicos são construídos ao longo de uma continuidade temporal, como resultado de diversos rituais e rotinas que ocorrem nesse ambiente. Como também afirma Bachelard: *“Em suma, o ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo. Vive a casa em sua*

Eu tenho muito apego pela casa. Tem a ver com a minha infância - eu morei aqui quase a vida inteira.

(Cristina)

realidade e virtualidade, através do pensamento e dos sonhos (...)
(BACHELARD, 1957). Logo, vive-se a casa não apenas pelo que ela é, mas também pelo que se imagina dela, uma vez que são criadas expectativas de que ela seja um ambiente ideal em todos os seus aspectos físicos, sensoriais e psicológicos.

Eliana Costa
Jardim das Vertentes

“(...) Por um lado, o habitante se acomoda no espaço e o espaço se acomoda na consciência do habitante, por outro, esse lugar se converte em uma exteriorização e uma extensão de seu ser, tanto do ponto de vista físico quanto mental.”

(PALLASMAA, 2017)

Em sua juventude, Eliana morou em Londres por um breve período, onde sofreu com o contraste em relação à cidade de Santos. Além da adaptação às diferenças culturais e climáticas, houve a necessidade de adaptação a uma significa-

*Eu não tinha muitos amigos por aqui, então as lembranças que eu tenho ali são de um espaço de alegria,
mas também de solidão.*

(Eliana)

tiva redução do espaço habitacional: de uma espaçosa casa com quintal, Eliana passou a residir em um pequeno apartamento londrino, forrado por carpetes devido ao frio rigoroso.

Ao retornar para o Brasil, o desejo de continuar estudando levou-a a tomar a decisão de morar em São Paulo, cidade estranha à jovem santista. Vivendo inicialmente em um quarto alugado de uma senhora na rua Augusta, Eliana em seguida optou por morar sozinha, de maneira que pudesse ter autonomia. A solução encontrada foi residir em uma quitinete na rua Maria Antônia, único cenário possível com seu orçamento de estudante.

Embora o espaço fosse extremamente pequeno, Eliana soube aproveitar as vantagens oferecidas por sua nova

O clima e a energia da casa são muito bons.

(Antônio)

morada, tal como a varanda do apartamento - que a possibilitava ter uma vista da rua e transformava-se em palco dos jantares românticos com seu futuro marido -, e o fácil acesso ao transporte público. Se por um lado, a quitinete representa a conquista de sua independência, por outro também guarda memórias de solidão. Ainda assim, Eliana confere ao apartamento o caráter de *canto*, que foi construído por meio de detalhes - como os enfeites e as plantas - cuja função era possibilitar a apropriação daquele espaço.

São presentes no discurso de Eliana as dificuldades de habitar um espaço tão reduzido, ao mesmo tempo em que se nota uma conformação às adversidades da situação, as quais considera um aprendizado. Essa postura de conformidade



e superação das circunstâncias impostas permeia toda sua narrativa, que evidencia uma busca por apegar-se a outros elementos que possam promover uma melhor adaptabilidade aos eventos.

Posteriormente, uma mudança de trabalho e a decisão de morar junto de seu namorado levaram-na a buscar uma moradia que dispusesse de espaço suficiente para uma vida conjunta. Foi neste contexto que o casal passou a alugar um apartamento no Bixiga, cuja efervescência inseria o morar em uma escala de bairro. Dentre suas particularidades estava a escola de samba da Vai-Vai, cujos ensaios podiam ser acompanhados da sala do apartamento, assim como os estabelecimentos do bairro, tais como a loja de antepastos e a pizzaria

*Lá, por ser um espaço bem pequeno, eu tentava deixar bem arrumado, sabe? Com vasilhinhos, com objetos que eram de casa, como um paninho da minha avó, uma plantinha. Acho que são mais esses detalhezi-
nhos que fazem a diferença.*

(Eliana)

favorita de Eliana. A experiência desenvolveu-se em um espaço entre dois mundos: de um lado a presença da Avenida Paulista, com toda a infraestrutura por ela oferecida, de outro o próprio Bixiga, cuja essência encontra-se na sua raiz histórica, suscitando a sensação de estar parado no tempo.

A possibilidade de usufruir de um ambiente maior conferiu ao casal a sensação de conquista, permitindo uma adaptação ao espaço, impulsionada também pela tentativa de imprimir suas próprias marcas ao lugar, como a decoração, a instalação de cortinas ou a compra de um novo sofá. A casa do Bixiga testemunhou o início de uma vida familiar, com a

Mas eu estou muito ligado a este lugar aqui. O italiano e moquense é muito ligado às tradições.

(Antônio)

consolidação de seu relacionamento matrimonial e a posterior maternidade. Mais tarde, o desejo de possuir uma casa própria levou-os a buscar um novo endereço.

Após juntarem os recursos financeiros necessários para comprar seu próprio imóvel, o casal mudou-se para o atual apartamento, localizado no Jardim das Vertentes, próximo à rodovia Raposo Tavares. Embora sua localização não fosse tão privilegiada quanto a do apartamento no Bixiga, a nova moradia oferecia um espaço que atendia às necessidades do casal. Por se tratar de um apartamento que anteriormente abrigou a intimidade de outra família, o lugar ainda apresentava as marcas do morador anterior, de modo que Eliana teve de passar por um novo processo de adaptação ao ambiente.

Morar em casa é muito bom; é maravilhoso por ser um espaço independente.

(Júnior)

A narrativa de Eliana durante sua vida adulta é marcada pela constante mudança de residências, decorrente das transformações em sua vida pessoal: o desejo de estudar levou-a a Londres e, posteriormente, a São Paulo; a necessidade de independência a fez optar por um reduzido ambiente no centro da cidade, assim como a necessidade de um espaço para sua vida conjugal impeliu-a para um apartamento no Bixiga; e, por fim, a constituição da família e o desejo de obter seu próprio imóvel, levaram-na ao Jardim das Vertentes. Portanto, cada moradia representa para Eliana uma fase de vida, cujas transformações demandaram uma busca por um novo espaço.

Pallasmaa escreve sobre o que define como *espaços existenciais*, que são espaços vividos: estes referem-se à experiência

Depois disso, eu tive vários sonhos e até hoje ainda sonho com essa casa.

(Eliana)

e à memória individual - as quais o dotam de sentido, pois de outra maneira ele não existiria. É nessa chave que se encontra a ideia da casa, que também poderia ser definida como um espaço existencial, pois o conceito de lar não existe por si só: ele só se torna real a partir do processo de domesticação de um lugar impessoal, processo pelo qual Eliana esteve sujeita em suas passagens por lugares distintos.

Embora casa e lar sejam termos empregados muitas vezes como sinônimos, a casa pode adquirir também a dimensão de um espaço que abriga as potencialidades de transformação em um lar, a partir da apropriação realizada



pelos seus usuários, que irão imprimir (ou não) seus próprios significados e valores de intimidade a este lugar. A casa vivida reflete, desta forma, o que se passa em sua intimidade.

Ainda de acordo com Pallasmaa, *“O ato de habitar é o modo básico de alguém se relacionar com o mundo. É fundamentalmente um intercâmbio e uma extensão (...)”* (PALLASMAA, 2017).

Ou seja, a arquitetura nunca é passiva: constantemente ela inspira algum tipo de ação e conseqüentemente isso gera uma reação. Logo, espaço e indivíduo nunca se encontram desconectados, permanecendo em constante interação. Da mesma forma que o sujeito permanece sob influência do espaço, este recebe os estímulos, reações e significações ao ser habitado pelo ser humano, que organiza seu mundo a partir de certos

Mas você tem que saber que a casa também tem vida própria.

(Antônio)

conceitos como *casa*, *lar* e *domicílio* - motivo pelo qual muitas vezes acaba por projetar significados a esses espaços a partir de determinadas intenções.

Trata-se de uma concepção da morada que envolve uma dimensão mais subjetiva, a qual considera a apropriação de um espaço como decorrência também da relação e interação individual com outros elementos que o compõem. O afeto, por exemplo, pode se desenvolver muitas vezes em torno do detalhe - seja como um objeto decorativo, seja um cheiro -, que dá o sentido de lar à habitação. Como ressalta Pallasmaa, todos possuem algum objeto de profundo valor afetivo, o qual é

Para mim, toda mudança veio com uma marca de alegria. Eu acho que eu tive sorte nesse sentido. Ou talvez seja a própria maneira de encarar as coisas também.

(Eliana)

carregado para onde quer que o indivíduo vá. Isso porque este determinado elemento é capaz de manter a sensação de lar, atenuando a ausência do espaço original da intimidade.

Nesse sentido, a percepção deixada pela narrativa de Eliana é a de que se aproveitam as potencialidades oferecidas por suas moradias para imprimir suas próprias marcas no lugar. Isso porque as diversas mudanças resultam na constante necessidade de adaptação aos espaços (por meio dos detalhes citados), e na dificuldade de enraizamento no espaço. Por esse motivo, seu discurso manifesta saudade e nostalgia em relação à sua casa de infância, onde reconhece um processo de enraizamento, razão pela qual o espaço ainda é frequentemente revisitado em seus sonhos.

Aqui eu acho que tem uma coisa mais íntima, mais acolhedora, de você estar na casa, de ter um jardim.

(Cristina)

A limpeza e a organização do apartamento, realizadas principalmente por Eliana, também configuram uma maneira de construir uma personalidade da moradora com o espaço, imprimindo sua identidade a um lugar inicialmente impessoal. Daí decorre a importância da presença de seus armários, onde “*vive um centro de ordem que protege toda a casa contra uma desordem sem limite (...)*” (BACHELARD, 1957).

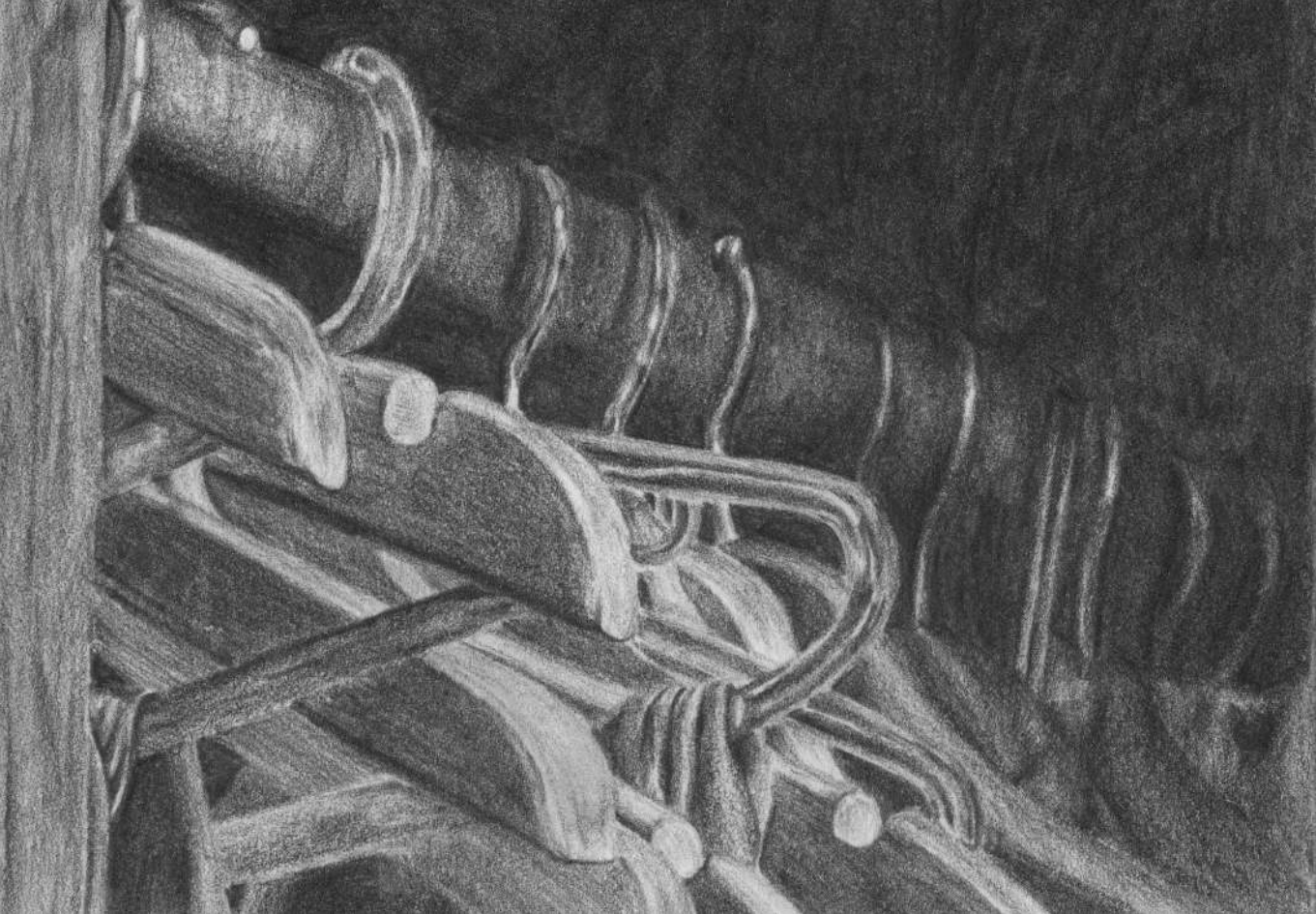
Em relação a isso, Bachelard também discorre sobre a simbologia de objetos característicos de uma casa, como as gavetas e os armários, que abrigam nossa intimidade e transmitem também a sensação de segredos guardados. Ao se imaginar um local perfeito para ser utilizado como esconderijo, por exemplo, um dos primeiros locais que vem à mente

Tudo eu achava lindo: aquele lugar para mim foi uma conquista.

(Eliana)

é o armário. Por isso, pode-se dizer que esse objeto também possui de certa forma um caráter de proteção, guardando seu interior e mantendo-o seguro.

O guarda-roupas exerce um papel extremamente relevante no imaginário da casa, pois é nele que a intimidade é organizada. Os armários escondem objetos da vista de terceiros, assim como mantêm a ordem espacial desejada. Traçando-se um paralelo com a memória humana, da mesma forma que se guardam objetos pessoais no interior de armários e gavetas, na memória guarda-se a intimidade, e, com a mesma facilidade com que se abre a porta de um armário para resgatar seu conteúdo, as memórias podem ser resgatadas por meio do devaneio.



Sobre o cofre, símbolo de um local seguro e protegido do exterior, quando fechado, é apenas um objeto físico. Nessas condições, trata-se apenas de uma peça que ocupa um lugar no espaço. Entretanto, uma vez aberto, o externo perde sua importância, assim como as próprias dimensões no espaço: as atenções são totalmente voltadas ao seu interior, desconhecido e misterioso.

Da mesma maneira agem as gavetas, que se abrem e fecham para as mais infinitas possibilidades. O papel armazenador e organizador de uma gaveta, assim como dos armários e cofres, torna inimaginável a imagem de qualquer um desses objetos vazios, já que eles são encarregados de abrigar os mais íntimos segredos.

É tão bom a gente ter o nosso canto; já sabemos onde fica tudo, o que se pode mudar e o que não pode.

(Sueli)

Em relação a esses elementos armazenadores, os quais Bachelard denomina *casas das coisas*, pode-se enfatizar quanta expectativa eles envolvem no momento imediatamente anterior ao de abri-los. Nesse instante, a imaginação se abre às infinitas possibilidades do que será descoberto e do que não será. O interior destes pequenos (apenas fisicamente) espaços refletem as dinâmicas da casa, assim como expressam a individualidade de cada um. Ao abrir o seu universo, imagina-se: quanto o interior de uma gaveta não é capaz de revelar sobre a intimidade de uma pessoa?

Vicente de Souza
Bixiga

“A atmosfera criada por uma porta fechada é, em certa medida, antinômica àquela assegurada por uma porta aberta. Um mesmo cômodo mostra-se isolado, calmo, íntimo, tendo sua porta fechada e pode tornar-se dinâmico, estimulante e barulhento, quando sua porta está aberta.”

(CAVALCANTE, 2003)



Dotada de potencialidade e simbologias na constituição da casa, a porta é o elemento separador entre o dentro e o fora, entre o público e o privado, entre a intimidade e a exposição. É essa figura que permite o isolamento do indivíduo em sua privacidade, mantendo-o protegido das adversidades externas.

Esse objeto é fruto da capacidade do ser humano de realizar interferências nos espaços, criando uma barreira física delimitadora, que interrompe uma continuidade e uma unidade espacial. Sobre esse caráter divisor da porta, pode-se afirmar que ela separa espaços aos quais se dão significados distintos, permitindo a conservação de tais valores dentro desses espaços delimitados.

O chegar em casa a gente relaciona a dois fatores: a satisfação de chegar na sua casa, no que é seu; e um outro fator fundamental é a relação familiar, de convívio, porque é necessário ter essa harmonia.

(Júnior)

As portas também representam uma conexão e um diálogo entre o mundo interior do lar com o exterior, oferecendo a possibilidade de escolha entre estar dentro ou estar fora. Embora as paredes transmitam uma sensação de proteção, a porta também evita que isso se transforme em um confinamento, adquirindo também um “*valor de escape e evasão*” (BACHELARD, 1957) - que pode se dar do interior ao exterior e vice-versa. Assim, o sentido da porta encontra-se no fato de que, embora haja uma delimitação do espaço, ela representa a possibilidade de sair para o externo em direção à liberdade (SIMMEL, 2001).

A capacidade da porta de transformar a atmosfera de um ambiente pressupõe uma possibilidade do homem em intervir

A casa sempre foi um lugar de encontro.

(Antônio)

no espaço, fato que envolve também uma responsabilidade, pois o sujeito é assim dotado de uma autonomia e um controle sobre os ambientes. A ação de interromper o espaço através da porta o diferencia do ser natural. As portas, desse modo, mais que elementos construtivos de fechamento, são também um fator no desenvolvimento de uma personalidade individual.

As possibilidades oferecidas pela porta são regidas também por uma dialética que envolve a decisão do abrir e do fechar: evidencia-se, desse modo, que o separar e o ligar são intrínsecos um ao outro, pois abrir a porta pressupõe fechá-la, assim como fechá-la pressupõe abri-la.

O ato de atravessar uma porta, embora a princípio pareça banal, é carregado de significado no que se refere à

Mas ela tem essa coisa do aconchego, por ter árvore, por ela ter esses ambiente abertos, por ter madeira - e eu acho que madeira dá um aconchego. Eu sou suspeita porque eu adoro madeira, mas tem essa mistura do antigo com o novo que eu acho que dá uma intimidade.

(Cristina)

simbologia da casa. Juntamente com a maçaneta e a fechadura, a porta é o último elemento que transpõe o indivíduo do seu lugar de proteção e intimidade. Logo, gera-se muita expectativa no ato de colocar a chave na fechadura, girar a chave e empurrar a porta, criando um ritual de entrada nesse espaço chamado de lar. Assim, o peso da porta, a textura de seu material e a sensação da mão na maçaneta ficam gravados na memória e são associados à conquista de um espaço.

Além da questão da materialidade da porta e da sensação gelada deixada pela textura metálica da maçaneta, há muito do som envolvido nesse ritual: é o som que a chave faz ao girar na fechadura, anunciando uma entrada, assim como o som da porta abrindo e fechando-se, com um estalo suave - é o som da



confirmação de que se chegou em casa. Sobre isso, Pallasmaa afirma que o que importa não é apenas a materialidade dos elementos em si, mas as ações que eles estimulam, pois a porta constitui um convite para adentrar um lugar.

A porta é, assim, uma afirmação de um ritual de passagem para o interior de um universo que transcende o espaço físico da casa. Isso é evidente na residência de Vicente, localizada no Bixiga. Construída por Ramos de Azevedo, em 1915, o imóvel foi adquirido por Vicente em 1994, quando se mudou com a esposa e seu único filho para o local. A casa original possuía apenas o pavimento térreo, ao qual posteriormente foi adicionado um porão por um dos proprietários anteriores a família.

Assim o sonho foi alcançado: o primeiro terreno.

(Júnior)

Nascido em Pernambuco, Vicente mudou-se para São Paulo, onde residiu em lugares como Santa Cecília e Higienópolis (onde atualmente foi construído o shopping) - porém sempre em situação de inquilinato. Nesse caso, há uma grande diferença entre alugar um espaço e ter sua própria casa. Para Vicente, o essencial é possuir seu próprio imóvel, seja uma casa no Jardins, seja um barraco em Paraisópolis. Isso porque dessa forma não se faz necessário justificar as ações tomadas em seu interior.

Após a mudança para a nova morada no Bixiga, algumas alterações foram realizadas na construção: a adição de um cômodo para servir de quarto ao filho, uma reforma na cozinha e no telhado. Esta última foi decorrente da necessi-

Eu gosto de coisas antigas. Eu acho que esses objetos antigos combinam com o jeito que a casa é. Então eu vou misturando essas coisas que eu fui herdando com coisas mais novas. A casa eu herdei também.

(Cristina)

dade de manutenção do telhado, pois embora tenha-se tentado manter as telhas originais, a constante obrigação de trocá-las (pois as telhas quebradas estavam gerando goteiras) e a busca por um material semelhante tornaram a situação insustentável. Assim, optou-se por reformar o telhado inteiro. O forro da sala foi refeito por Vicente, que buscou manter o aspecto visual do anterior. Os demais elementos da casa não foram alterados, tais como o piso de peroba da sala, o piso de mármore do hall de entrada e as portas e janelas, feitas de pinho de riga.

Vicente vendia móveis coloniais em uma loja de rua antes de tornar-se vendedor em feiras de Antiguidades: vendia na feira do vão do MASP e na Benedito Calixto (onde deixou de comercializar após o falecimento de sua esposa, há quase

Acho que cada mudança marcou fases de transformações na minha vida muito fortes.

(Eliana)

um ano). Assim, sua escolha pela casa no Bixiga decorreu, dentre outros fatores, da necessidade de um espaço onde pudesse guardar seus artefatos, assim como carregá-los e descarregá-los tranquilamente, pois quando morava em um apartamento, não sentia liberdade para fazê-lo.

Antes de adquirir o imóvel, Vicente já tinha um amigo morador do Bixiga, que era vizinho à casa, e, sabendo de seu interesse pelo local (que antes estava alugado para comércio), avisou-o no momento em que a propriedade foi colocada à venda. Inicialmente, não havia a intenção de comprá-la por falta de recursos financeiros, até constatar o patrimônio

Durante a construção da casa, a expectativa era grande. E quando ficou pronto, foi uma realização.

(Sueli)

que possuía com suas antiguidades. Assim, foi por meio do comércio de objetos antigos que Vicente acumulou o dinheiro necessário para adquirir sua própria casa.

Toda a narrativa de sua casa permeia a questão das antiguidades, tanto na escolha de morar em uma casa que dispusesse de espaço suficiente para armazená-las, quanto na própria aquisição da propriedade, a qual foi comprada com o dinheiro obtido nas vendas dos artefatos. Além disso, seu gosto pelo antigo reflete-se até na escolha da casa. A preferência por uma construção antiga foi, a princípio, inconsciente. O seu apreço por artefatos que carregam uma história sempre existiu, mas foi desenvolvendo-se de fato após a oportunidade de trabalhar na feira de antiguidades.



Após a mudança para a casa, o processo de adaptação ao espaço ocorreu de maneira natural, sem esforço de seus novos moradores. Em relação aos espaços da habitação, não há apego a nenhum ambiente específico, pois seu afeto dá-se à casa como um todo. Apesar disso, uma vez que o espaço tornou-se grande demais, Vicente não projeta no espaço a intenção de permanecer para sempre. Esse desapego também manifesta-se em seus objetos, os quais em sua maioria são comprados usados: eles são adquiridos e usufruídos enquanto há sentido na experiência; se esse sentido é esvaziado após certo tempo, os objetos são vendidos.

Transpor a porta da casa de Vicente no Bixiga é como dar um salto no tempo: se a fachada da casa entrega a idade

Já vieram várias pessoas aqui que se apaixonaram e quiseram comprar a cristaleira, mas meu pai me fez prometer que eu ia deixar para a Natália e se depois ela quiser vender, tudo bem.

(Antônio)

da construção, seu interior envolve o visitante pelas diversas camadas temporais presentes no espaço. Estas são representadas tanto pela própria residência, cujos elementos originais foram sobrepostos a outros posteriormente construídos, quanto pelas antiguidades, objetos de afeto de Vicente, que representam as mais diversas memórias.

Ivone Ritschel
Jardim da Saúde

*“O lar não é um simples objeto ou edifício,
mas uma condição complexa e difusa, que
integra memórias e imagens, desejos e medos,
o passado e o presente.”*

(PALLASMAA, 2017)

A casa de Ivone é uma construção térrea, localizada no Jardim da Saúde, sem muros em sua fachada. A porta de madeira, com um pequeno visor que espreita o visitante, denuncia a sua idade: trata-se de uma casa construída quando Ivone ainda era criança, e que passou por pequenas intervenções de manutenção ao longo de sua existência.

*Eu tenho muito boa recordação, principalmente junto com o meu marido. (...) E agora eu estou sozinha.
Às vezes eu venho aqui no quintal e fico chorando.*

(Ivone)

A memória da casa de Ivone mistura-se à sua vida conjugal - a moradia mostra-se como cenário de um casamento extremamente feliz, cuja história permeia toda a narrativa. A presença de seu marido, Rodolpho (o Rudi, como ela carinhosamente o chama), no lugar ainda é forte, embora ele tenha falecido há quase três anos.

A residência é resultado da decisão do pai de Ivone de ter seu próprio imóvel, após viver em locais alugados. A construção foi erguida aos poucos, com a ajuda de um tio, que auxiliou na entrega do material necessário à obra. A casa foi inaugurada com uma grande festa quando Ivone tinha cinco anos. Ela permanece na casa desde então, ausentando-se apenas por um breve período após o seu casamento.



Ela e o marido conheceram-se por acaso no casamento de uma prima de Ivone com um dos irmão de Rudi. Após alguns anos trocando cartas - pois ele morava nos Estados Unidos - eles resolveram casar-se e em seguida mudar para o exterior. Porém, o apego à casa e aos pais fizeram-na desistir da ideia e permanecer no Brasil. Após consolidarem o matrimônio, o casal morou em outra casa, que também pertencia ao pai de Ivone. Contudo, devido à necessidade de cuidar de seus pais, Ivone retornou junto com Rudi à sua casa original.

A casa da Saúde testemunhou toda a história familiar de Ivone, que se iniciou em sua infância, percorreu seu

Essa casa aqui é só mais uma. Existe a conquista e a sensação de missão cumprida do que você se decidiu a fazer. Mas não carrego nada que venha a trazer aquela sensação que alimenta o meu ego.

(Júnior)

casamento, a maternidade e a criação dos filhos e dos netos, até chegar no presente momento, no qual a residência ainda permanece como local de reunião da família.

A distribuição dos aposentos também seguiu a dinâmica de seus moradores ao longo dos anos: a cada período os quartos serviram a moradores diferentes, de acordo com a necessidade vigente - o quarto do irmão de Ivone abrigou seus filhos até tornar-se local para o computador; o quarto que inicialmente pertencia apenas a ela passou a acolher também seu marido; e o quarto de seus pais atualmente é habitado por seu filho caçula, que se encarregou de cuidar da mãe após a morte de Rudi.

É muito gostoso chegar aqui. E porque eu tenho essa coisa do jardim, de ter as árvores. Eu acho que isso dá uma relaxada, uma tranquilidade interna.

(Cristina)

Rudi foi muito presente nos cuidados com a casa, dado que sempre se responsabilizou pela manutenção da construção. Por motivações financeiras, a manutenção da casa era feita, na maior parte das vezes, por ele próprio, com a ajuda da esposa e dos filhos quando necessário. Entretanto, mais que manter as condições de habitabilidade, essa conservação envolve uma questão afetiva com a casa, que demanda cuidados constantes - como limpar o telhado sujo de folhas, pintar as paredes desgastadas pelo tempo ou consertar um encanamento quebrado.

A família ainda mantém o mobiliário original (ao qual novos móveis foram acrescentados), como os armários de mogno, confeccionados sob medida para cada cômodo, e alguns móveis produzidos por Rudi e seu pai. A conser-

Para mim aquele lugar foi meu cantinho.

(Eliana)

vação da casa foi prejudicada após o falecimento do marido, pois a idade de Ivone e suas limitações físicas dificultam seus cuidados com o lugar.

Esses cuidados reproduzem-se também na manutenção do quintal, cujas plantas não são elementos meramente decorativos. Quando ainda era vivo, Rodolpho mantinha um belo jardim como uma maneira de reproduzir sua relação com a natureza durante sua infância, pois havia sido criado em um sítio. Ivone, por sua vez, fez de seu jardim uma maneira de manter viva a memória de seu falecido marido. Boa parte da conversa com Ivone passou-se no jardim, por entre suas orquídeas, cactos e avencas: cada uma delas guarda sua própria história. A mais sagrada é a sua orquídea nomeada Lua-de-

Voltar para casa é a melhor coisa do mundo.

(Ivone)

-Mel, que resgata a memória de seu casamento: assim que consolidaram o matrimônio, o casal realizou uma viagem a Curitiba, onde foram presenteados com a flor. Logo, seu lugar de afeto e intimidade é o seu jardim, onde encontra uma forma de manter viva a lembrança de seu companheiro. O jardim configura, portanto, um templo de manifestação da saudade.

Os demais depoimentos, assim como o de Ivone, apresentam o jardim como uma expressão da intimidade e da subjetividade impressas no espaço, uma vez que nunca se tratou apenas de seu aspecto decorativo. Essas manifestações ocorrem de maneira distinta em cada narrativa, pois por vezes a presença da natureza configura um refúgio do caos urbano - como é o caso de Cristina -, por vezes faz parte de um ritual



criado para coletar histórias - como Antônio o faz. O cultivo de plantas, portanto, manifesta uma escala menor da intimidade, que encontra na natureza uma forma de expressão.

Na casa de Vicente, essa manifestação da intimidade não encontra expressão no cultivo de um jardim propriamente dito, mas na aquisição de objetos antigos. Cada artefato guarda sua própria história, introduzindo à casa do Bixiga uma infinidade de narrativas. Assim, com a mesma afeição com que Ivone cuida e resgata a memória de suas plantas, Vicente preserva a biografia de cada uma de suas antiguidades, que de certa maneira conformam igualmente um jardim de memórias.

“(...) O espaço pessoal expressa a personalidade para o mundo exterior, mas, de modo igualmente importante, reforça a imagem que o morador tem de si mesmo e materializa sua ordem no mundo.”

(PALLASMAA, 2017)

conclusão

Minha intenção com este trabalho foi refletir a respeito dos pormenores que transcendem a casa em seus aspectos físicos: o objeto decorativo, que traz à mente algum momento específico da vida; o som da comida sendo preparada, acompanhado de cheiros e expectativas; a maciez de uma cama

cuidadosamente feita; até o brinquedo guardado, que se imagina por vezes organizar um complô dentro do armário. Trata-se de uma concepção da morada para além de um viés meramente espacial, garantidor das condições mínimas de sobrevivência humana.

Por se tratarem de experiências subjetivas, é impossível externalizar as memórias da casa objetivamente. Tal como um cheiro, uma sensação, um som, uma textura, apenas o sujeito da experiência é capaz de compreendê-la em sua plenitude. Entretanto, certos valores de intimidade, muito citados por Bachelard, são comuns a todos, ainda que cada um tenha suas particularidades. Um indivíduo pode tentar ao máximo descrever a outro a intimidade de seu lar; contudo, a compre-

ensão dessa descrição será feita através de uma identificação por esses valores de intimidade a partir de uma experiência particular do outro. Este, por meio das lembranças de seu interlocutor, é levado a revisitar seus próprios espaços de conforto e acolhimento. Duas pessoas jamais poderão compartilhar de uma mesma experiência sensorial, uma vez que cada uma interpreta e ressignifica os estímulos externos de uma maneira distinta.

Assim, a concepção de lar é única para cada indivíduo, portador de uma personalidade. Isso torna-se evidente nas narrativas aqui apresentadas, nas quais o habitar pode ser identificado como uma extensão do ser: a constituição da intimidade é a constituição da própria existência. As experiências

das moradias são fundamentadas pela relação entre habitantes, pela necessidade de imprimir uma marca pessoal no espaço, pelos rituais ocorridos dentro dele ou pela própria memória que a casa carrega. Deste modo, o indivíduo transforma-se junto com o espaço.

A intenção deste trabalho foi, portanto, refletir e retratar as diversas esferas do viver, a partir da investigação dos conceitos e percepções da casa e de sua simbologia, assim como dos elementos que a compõem. Essas reflexões foram transformadas em um exercício de tradução e interpretação de narrativas de terceiros, por meio da revisitação e presentificação de espaços de intimidade passados, assim como uma reflexão a respeito dos presentes.

A expectativa é que este exercício tenha induzido o leitor a refletir sobre sua própria narrativa da casa, passando pelo mesmo processo de evocar suas memórias de um espaço de conforto e acolhimento. Isso porque a rotina e contato diário com esses ambientes induzem a um estado de indiferença aos espaços que frequentamos, de maneira que negligenciamos os símbolos, os rituais e as significações que permeiam o cotidiano e fundamentam esse ambiente de intimidade que é a casa.

Há de dar para a Câmara,
de poder a poder.
No flanco, a Matriz,
de poder a poder.
Ter vista para a serra,
de poder a poder.
Sacadas e sacadas
comandando a paisagem.
Há de ter dez quartos
de portas sempre abertas
ao olho e pisar do chefe.
Areia fina lavada
na sala de visitas.

Alcova no fundo
sufocando o segredo
de cartas e baús
enferrujados.
Terá um pátio
quase espanhol vazio
pedrento
fotografando o silêncio
do sol sobre a laje,
da família sobre o tempo.
Forno estufado
fogão de muita fumaça
e renda de picumã nos barrotes.

Galinheiro cumprido
À sombra de muro úmido.
Quintal erguido
em rampa suave, flores
convertidas em hortaliça
e chão ofertado ao corpo
que adore conviver
com formigas, desenterrar minhocas,
ler revista e nuvem.
Quintal terminando
em pasto infinito
onde um cavalo espere
o dia seguinte

e o bambual receba
telex do vento.
Há de ter tudo isso
mais o quarto de lenha
mais o quarto de arreios
mais a estrebaria
para o chefe apear e montar
na maior comodidade.
Há de ser por fora azul 1911.
Do contrário não é casa.

(*Casa*, Carlos Drummond de Andrade)

bibliografia

SACRISTE, E. *¿Qué es la casa?* 1ª Ed. Buenos Aires: Editorial Columba, 1968.

BACHELARD, G. *A Poética do Espaço*. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda.

ÁBALOS, I. *A boa-vida: Visita guiada às casas da modernidade*. Tradução de Alcía Duarte Penna. 1ª Ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

HEIDEGGER, M. Construir, Habitar, Pensar. 1951. In: *Ensaio e conferências*, tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis, Vozes, 2001.

PALLASMAA, J. *Habitar*. Tradução de Alexandre Salvaterra. 1ª Ed. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2017.

CAVALCANTE, Sylvia. *A porta e suas múltiplas significações*. In *Estud. psicol.*, nº 2, vol. 8, Natal, mai./ago. 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2003000200010> <acesso em 20/04/2019>

PEREC, G. *Especies de Espacios*. Tradução de Jesús Camarero. 2ª Ed. Barcelona: Novagrafik S. A., 2001.

ONG, B. et al. *Beyond Environmental Comfort*. Abingdon: Routledge, 2013.

JUHANI, P. *Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos*. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

JORGE, L. *A sintaxe da Janela*. 1993. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SIMMEL, G. *El individuo y la libertad: Ensayos de crítica de la cultura*. Tradução de Salvador Mas. 1ª Ed. Barcelona: Ediciones Península, 2001.

BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 3ªEd. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANETTI, E. *Auto-de-fé*. Tradução de Herbert Caro. 2ªEd. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S. A., 1982.

ZABALBEASCOA, A. *Tudo sobre a casa*. Tradução de Maria Alzira Brum Lemos. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

ANDRADE, C. *Boitempo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

Trabalho impresso e encadernado pela Ipsis Gráfica e Editora.